

Transpor os muros de separação

Nos quatro números de 2012, a Carta de Taizé irá desenvolver o tema da «confiança entre as pessoas», anunciado pelo irmão Alois como um eixo de reflexão para o próximo ano. Neste primeiro número, jovens que participaram no encontro partilham as suas experiências pessoais. Outros textos sobre o mesmo tópico disponíveis em www.taize.fr/pt_article13466.html.

Berlim é hoje um símbolo para todos os que, através do mundo, procuram transpor muros de separação para difundir a confiança. (irmão Alois, Carta de 2012 – Rumo a uma nova solidariedade, texto introdutório)

Sinwoo (Coreia)

Como coreano, o encontro em Berlim foi um grande sinal de esperança. Mesmo se ninguém previu a rápida reunificação da Alemanha, ela surgiu. No meu país, existem muros não apenas entre o Norte e o Sul, mas até na própria Coreia do Sul. Assim, encontramos uma diferença entre o ponto de vista da geração mais jovem, que não está muito preocupada com a separação do país, e o das pessoas mais velhas, que ainda possuem familiares no outro lado. Infelizmente, cada partido político tem a sua perspectiva, mesmo em relação à ajuda humanitária à Coreia do Norte.

Trabalhando no ponto de informação durante o encontro em Berlim, fiquei tocado ao ver com os meus próprios olhos tantas pessoas que traziam material médico e medicamentos para os hospitais norte-coreanos. Talvez fosse pouco – mas tal demonstrava já uma grande generosidade. Irei persistir na minha oração pela Coreia, confiando na bondade de Deus e no Seu plano para o meu país. «Ora a fé é garantia das coisas que se esperam e certeza daquelas que não se vêem.» (Heb 11, 1)

Abrir caminhos de confiança responde a uma urgência: apesar de as comunicações serem cada vez mais fáceis, as nossas sociedades humanas permanecem compartimentadas e fragmentadas. Há muros não apenas entre povos e continentes, mas também muito perto de nós e até dentro do coração humano.

Sérgio (Portugal)

Participando no encontro europeu em Berlim, pude descobrir como o muro foi um símbolo de separação durante tantos anos. A sua queda foi uma vitória para os esperançosos, para aqueles que nunca perderam a confiança.

Na nossa sociedade, fizeram-se grandes esforços para ligar mais as pessoas, mas há ainda um longo caminho a percorrer até uma união verdadeira. Para ligar, é necessário que ultrapassemos barreiras visíveis. Porém, para unir temos que derrubar as que são invisíveis. Estas habitam no nosso coração e não serão anuladas por organizações ou movimentos sociais. São derrubadas somente por cada um de nós. É o exercício de uma reflexão pessoal que pode quebrar estes muros invisíveis e abrir o caminho em direção a um futuro em comunhão com os outros e com Cristo.

Persiste ainda uma ignorância recíproca entre as religiões e os próprios cristãos estão divididos numa multiplicidade de confissões.

Luc e Claire (França)

A história da paróquia que nos acolheu em Berlim é uma imagem de reconciliação. A igreja de St Nikolai foi destruída durante a Segunda Guerra Mundial e a reconstrução começou apenas nos anos 80. Após a queda do muro, faltava ainda um órgão para animar a celebração. Uma paróquia de Berlim Ocidental ofereceu o único instrumento de que dispunha como sinal de reconciliação.

Graças ao som deste órgão, a paróquia encontrou vida progressivamente e a restauração da igreja pode continuar. Surgiu a questão dos sinos, que tinham desaparecido durante a guerra. Na área que rodeia esta paróquia luterana, encontra-se uma paróquia católica. As duas decidiram em conjunto que os seus sinos não deveriam estar em dissonância e, em vez de comprar sinos idênticos aos do período pré-guerra, a paróquia de St Nikolai escolheu sinos que tocariam em harmonia com os católicos. Um belo testemunho para uma Alemanha que agora constrói pontes em detrimento de muros.

Para darmos início a uma expressão de solidariedade, vamos ao encontro dos outros, mesmo que por vezes - estejamos de mãos vazias, escutemos, tentemos compreender aqueles que não pensam como nós... e uma situação bloqueada pode assim transformar-se.

Sam (Inglaterra)

Uma mudança interior que levo comigo de Berlim é a compreensão de que o amor que sinto pelos que me rodeiam não afecta o meu amor por Deus. Pelo contrário, os dois são apenas um. Mesmo quando aqueles que amo não partilham a minha fé, um amor da humanidade é sempre um amor de Deus. Derrubar esta barreira no meu coração levou-me a uma libertação e uma maior certeza da minha fé. É quando estamos em união connosco mesmos e começamos a encontrar a paz interior que podemos começar a projectar esta paz no mundo ao nosso redor.

O impulso para uma nova solidariedade é possível. Alimenta-se da convicção de que a história do mundo não está determinada com antecedência. A queda do Muro de Berlim em 1989 era inimaginável poucos anos antes de ter acontecido...

(Nota 2)

Qvinny (Holanda)

Durante o encontro europeu, participei num workshop sobre o Muro de Berlim. Pessoas que viveram esse período partilharam as suas experiências, havia um filme e era possível ver os últimos pedaços do muro.

A multidão era tão grande que, infelizmente, não consegui acompanhar todas as histórias pessoais. No entanto, alguns aspectos permanecem na minha memória («O que fez depois da queda do muro? - Fui a Taizé!») e o filme era impressionante. O que mais me comoveu foi perceber como, após tantos anos de separação, as pessoas dos dois lados do muro se sentiam próximas, vendo Berlim como apenas uma cidade e nunca aceitando a separação.

A imagem que levarei comigo para casa é a de que os muros que tanto receamos de manhã podem ruir inesperadamente ao cair da noite. E os nossos próprios filhos atrever-se-ão a brincar nos últimos vestígios do nosso medo.

A oração conduz-nos simultaneamente em direcção a Deus e em direcção ao mundo.

Emöke (Roménia)

Ao meio-dia, após uma partilha nas paróquias em toda a cidade, e ao serão juntávamo-nos todos pela mesma razão – para nos encontrarmos através da oração. Durante uma hora, tentávamos dissipar o cansaço depois de um dia cheio e procurávamos esquecer os problemas que trouxemos de casa. Fico sempre impressionada com a força do silêncio. E, quando milhares de jovens permanecem em silêncio, tentando abrir os seus corações ao mesmo Deus, fico ainda mais impressionada. São momentos de grande sinceridade. Tornamo-nos um e, durante alguns momentos, desabam os muros que separam as nações. Tornamo-nos um em Cristo e falamos todos a mesma língua, a «língua da fé».